

RESENHA - Descolonizar e jamais silenciar

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 244 p.

Aline Pinto Pereira
Doutora em História Social pela UFF,
jornalista e Historiadora. Leciona na SME/Rio de Janeiro.

Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano é o primeiro livro de Grada Kilomba – mulher negra, com origens em Angola e São Tomé e Príncipe, portuguesa, escritora, psicóloga, artista interdisciplinar, que, até os dias de hoje, mora na Alemanha. Foi publicado pela primeira vez em língua inglesa, em 2008, e lançado durante o *Festival Internacional de Literatura*, em Berlim. Uma década após, temos, enfim, a edição traduzida em português, simultaneamente para o Brasil e para Portugal, da tese de doutoramento da autora em Filosofia pela Feie Universität. Nos trópicos, foi lançada durante a 17ª *Festa Literária Internacional de Paraty - Flip*, em meados de 2019, pela Editora Cobogó.

Grada Kilomba é fluente em português, inglês e alemão. Acompanhou com esmero a excelente tradução feita por Jessica Oliveira de Jesus, atenta para que na língua materna, não se perdessem sentidos e significados que quisera atribuir ao texto original pois, como enfatiza, “ a língua tem dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade” (p. 14).

O *hiato* entre a edição da obra em inglês e a circulação literária no Brasil evidenciam por si o quanto o livro e a temática abordada pela autora permanecem atuais e necessários frente à sociedade que ainda não rompeu com suas heranças coloniais e escravocratas. “Foi um caminho longo. E, no entanto, eu sei que não poderia ter chegado antes – nem este nem tantos outros livros – pois os comuns gloriosos e românticos discursos do passado colonial, com os fortes acentos patriarcais, não o permitiram. Mas chegam bem a tempo” (p. 13).

PINTO, Aline. **Descolonizar e jamais silenciar**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 294-299, jan./jun. 2020. **Resenha**. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

Importante que observemos ainda que a produção de outros nomes internacionais caros ao feminismo negro, em língua portuguesa, também chegou ao Brasil a partir da década de 2010, apesar da trajetória internacional das autoras do porte de Angela Davis¹, por exemplo, ou bell hooks². Ao final desta década, tivemos acesso às traduções de parte da produção intelectual de Maya Angelou³ e de Audre Lorde⁴.

O interesse editorial pelas escritoras feministas negras pode ser diretamente relacionado à ascensão verificada nos últimos anos de jovens negros e negras ao ensino superior, bem como pela chegada de docentes negros/as às Universidades, especialmente após a implantação da política de ações afirmativas⁵, que, ainda que não opere nas condições desejadas, possibilitou incontestavelmente uma transformação no ambiente universitário público brasileiro, possibilitando novas leituras e abordagens temáticas. Impossível não relacionarmos o recente interesse editorial às reivindicações identitárias desse grupo que hoje circula mais facilmente por lugares até então considerados inacessíveis à parcela marginalizada da população, mesmo após 132 anos da Abolição da Escravatura no país.

Por isso, o tema abordado em *Memórias da plantação* tem apelo universal e, inevitavelmente, sensibilizará o/ a leitor/a. Ao longo dos quatorze capítulos, Grada Kilomba se posiciona politicamente como intelectual negra, enfatizando a indissociabilidade da discussão entre raça e gênero, pois “formas de opressão não

¹ DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016; DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017; DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018. Cf ainda COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

² HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013; HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo - políticas arrebatadoras** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018; HOOKS, bell. **Teoria feminista - da margem ao Centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

³ ANGELOU, Maya. **Mamãe & eu & Mamãe**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018; ANGELOU, Maya. **Eu sei porque o pássaro canta na gaiola**. São Paulo: Astral Cultural, 2018

⁴ LORDE, Audre. **Irmã Outsider – Ensaios e Conferências**. São Paulo. Autêntica, 2019.

⁵ Destacamos a Lei nº 12.711/2012, que garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas universidades federais e institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais 50% das vagas permanecem para ampla concorrência. Também mencionamos a Lei 12.990/2014, que reserva 20% das vagas para candidatos/as negros/as no âmbito da administração pública federal, quando o número em ofertas for igual ou superior a três vagas.

PINTO, Aline. **Descolonizar e jamais silenciar**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 294-299, jan./jun. 2020. **Resenha**. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

operam em singularidade; elas se entrecruzam” (p.98). Debate e refuta o racismo – fenômeno não biológico e discursivo que nega ao sujeito negro o direito à subjetividade. “Ele funciona através de um regime discursivo, uma cadeia de palavras e imagens que por associação se tornam equivalentes: africano-África-selva-selvagem-primitivo-inferior-animal-macaco” (p.130).

Critica a política de silenciamento impostos ao homem e à mulher negro/a, por exemplo, exemplificada pela difundida imagem de Anastácia, escravizada no Brasil Setecentista, filha de uma relação não consensual de cujo genitor herdara “olhos azuis”. Bonita e cobiçada pelo senhor de escravo, foi castigada com o uso obrigatório de um colar e uma máscara de ferro que a silenciava e a censurava. A autora indaga por que a boca de Anastácia, hoje figura política e religiosa importante no mundo afrodiáspórico, foi tapada àquela época. Por que a opressão e o sadismo? O que ela poderia dizer ao homem branco que ele não quisesse ouvir? Tal questão será problematizada especialmente nos dois primeiros capítulos. “Pode a subalterna falar?”, provoca Grada Kilomba em referência ao questionamento da autora Gayatri C. Spivak.

Associado à herança colonial, o racismo é também atemporal, explica a escritora, porque persiste, na contemporaneidade, em comportamentos violentos e excludentes que invisibilizam a negritude ao aceitar a branquitude como norma absoluta. Não à toa, o negro é tomado sob o signo do primitivismo, da diferença e do exotismo – o que atendente perfeitamente ao projeto hegemônico que desqualifica as características do indivíduo negro e promovem o estranhamento ao seu corpo, negando-lhe humanidade. O racismo em suas múltiplas facetas será analisado e definido ao longo do terceiro e quarto capítulo de *Memórias da plantação*.

O título do livro, portanto, remete à plantação – já que para a autora o racismo é a reencenação do passado colonial e uma realidade traumática negligenciada ou negada pela dominância e opressão eurocêntrica do conhecimento, experienciado – termo usado por Grada Kiloma - por outras pessoas em seu convívio e pela sua própria trajetória pessoal-acadêmico-profissional.

Durante muitos anos, ela foi a única aluna negra no departamento de psicologia clínica e psicanálise, em Lisboa. Posteriormente, ganhou uma bolsa do governo alemão para o doutoramento e, mesmo diante de condição tão honrosa, vivenciou o racismo

PINTO, Aline. **Descolonizar e jamais silenciar**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 294-299, jan./jun. 2020. **Resenha**. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

durante o processo de admissão, matrícula no curso e acesso à biblioteca da Feie Universität. A Academia é também um espaço de reprodução do racismo, como se o corpo, os traços, o cabelo e a existência da autora fossem inadequados àquele ambiente em que se produz Ciência, sobretudo porque, historicamente, o direito à voz e à produção do conhecimento tem sido negado ou dificultado aos homens e mulheres negros/as.

Mais uma vez, Grada Kilomba será destacada como uma das únicas professoras negras da instituição, ao lecionar no Departamento de Gênero da Humboldt Universität, em Berlim - “onde a história colonial alemã e a ditadura imperial fascista deixaram marcas inimagináveis” (p.11). Marcas essas que inevitavelmente afetaram outras vozes precursora que viveram ou estiveram na capital alemã, a exemplo de Audre Lorde, Angela Davis, May Ayim e W. E. B. du Bois. Tais referências, ao lado de bell hooks, Franz Fanon, Philomena Essed, Paul Gilroy, Stuart Hall, David Marriott e Paul Mecheril, contribuíram com a formação intelectual de Grada Kilomba e estão vivificados ao longo da obra.

O livro é, portanto, resultado de um percurso acadêmico que não está descolado da realidade pessoal de luta antirracista e se mantém atual em todo o planeta. O racismo contemporâneo, como explica a escritora, é a reencenação do período colonial e “problema branco estrutural e institucional que pessoas negras experienciam” (p. 204).

Aliado ao vasto e politizado referencial teórico, Grada Kilomba metodologicamente entrevistou seis mulheres de ascendência africana, residentes em Berlim. Optou por analisar duas delas, uma da afro-alemã e outra da afro-estadunidense, que esmiuçaram o trauma, em analogia às cicatrizes, provocado pelo racismo cotidiano nas mais diferentes esferas relacionais – físicas, espaciais, afetivas, sexuais, sociais, psicológicas e acadêmicas. A escritora buscou percepções de identidade racial e de racismo na infância; no ambiente familiar; percepções de si em relação a outras pessoas negras; de branquitude no imaginário negro; questões relacionadas à beleza feminina e ao cabelo negro; à feminilidade e à sexualização das mulheres negras. Percorreu o processo em que se adquire consciência do racismo – “recusa, culpa, vergonha, reconhecimento e reparação” para depois permitir-se descolonizar-se e humanizar-se.

PINTO, Aline. **Descolonizar e jamais silenciar**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 294-299, jan./jun. 2020. **Resenha**. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

A partir do quinto capítulo e ao longo dos demais, a autora lhes dá voz, pois, as vítimas do racismo são geralmente esquecidas e tal silenciamento ou “omissão espelha a desimportância dos *negros* como *sujeitos* políticos, sociais e individuais na política europeia” (p.72). Nesse sentido, a experiência envolve a memória histórica de opressão racial conectada à colonização, quando o/a negro/a é tratado/a de forma infantilizada, incivilizada, primitiva, animalizada, erotizada e, pelo passado histórico de seus ancestrais, também objetificado/a. Tem sua identidade negada. Torna-se o/a “Outro/a da branquitude” e não pode existir como um igual.

Grada Kilomba conta uma situação que aconteceu com uma das entrevistadas, quando foi analisada pelo prisma do exotismo por uma criança, que exaltou a beleza dos olhos negros e da pele escura ao mesmo tempo em que usava termos depreciativos, como *Negerin* – que estabelece uma relação de subalternidade. Enquanto isso, diante da cena, o namorado branco silenciava e a mãe da menina a corrigia, praticando o discurso de que a entrevista vítima do racismo era “diferente”. A escritora fala, portanto, do racismo triangular: há a pessoa vitimada, outra que fere e uma plateia que assiste e legitima a agressão ao outro. Essa triangulação legitima o discurso racista sob a aprovação da plateia branca, protegendo o/a racista a partir de uma lógica consensual.

Em outro momento, destaca o enfrentamento da jovem entrevistada a uma situação inaceitável, mas ainda, infelizmente, comum à mentalidade racista: a presença de um/a boneco/a, tal como uma escultura, que representava o/a negro/a escravizado. A peça “enfeitava” a varanda de uma vizinha alemã que não demonstrava qualquer empatia com as vizinhas negras algumas casas adiante. O/A boneco/a simboliza o lugar que a normatividade branca deseja atribuir ao homem/ mulher negro/a, indicando conscientemente o lugar em que deseja lhe imputar numa estrutura social que não rompeu totalmente com o passado escravocrata e colonial.

Nesse sentido, Grada Kilomba aponta-nos como as experiências vividas pelas entrevistas e por ela própria, a autora, incidem na leitura de mundo e das escolhas individuais, pois as marcas deixadas pelo racismo têm profundas consequências sociais, físicas e simbólicas. Exemplo extremo do rastro de dor provocado pelo racismo materializa-se no suicídio, tema que vai ser abordado no livro, já, que, por meio desta prática, diz a escritora, o “sujeito negro representa a perda de si mesmo, matando o

PINTO, Aline. **Descolonizar e jamais silenciar**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 294-299, jan./jun. 2020. **Resenha**. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

lugar da Outridade” (p. 188). Isso é observado por Kilomba, pois, a atitude extremada do suicídio revela a afirmação de dada humanidade; “é, última instância, uma performance de autonomia” (p. 189).

A autora, então, convida-nos a desalienação e a assumirmos nossa história, tal como protagonistas. Não negar o passado, mas sim, não permitir que haja qualquer tipo de reconciliação com práticas de dominação, subordinação e silenciamento colonial naturalizada em diferentes localidades.

Assim, mesmo que tenhamos aguardado dez anos para termos a tradução da obra de doutoramento de Grada Kilomba em língua portuguesa, é preciso que se diga que a temática permanece e permanecerá atual por décadas, sobretudo porque o racismo tem raízes fundas em nossa existência social, política e econômica.

No momento em que setores ultraconservadores e seus projetos ascendem ao poder levando consigo um discurso negacionista e revisionista, relativizando horrores do passado histórico brasileiro, a leitura de *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* se revela necessária e urgente. É, sobretudo, um ato político, pois “as palavras impressas não podem ser apagadas e nem silenciadas” (p. 204).